

AVALIAÇÃO E LITERATURA

Maria Luiza Ritzel Remédios
PUCRS

Tem sido tarefa de pesquisadores e professores da área de letras que se preocupam com o ensino e a avaliação em literatura falar, discutir e teorizar sobre esse assunto. Nossa reflexão aqui é fruto de nossa vivência como professor de cursos de graduação e pós-graduação em letras e da constante troca de experiências com colegas que trabalham a disciplina literatura no ensino de terceiro grau:

Dois aspectos devem ser considerados, quando se pensa a questão do ensino de literatura: primeiro, os alunos dos cursos de letras não procedem de uma mesma classe social e chegam, em grande maioria, à Universidade sem hábito da leitura. É lógico que as causas da diminuição de leitores são muito mais econômicas e políticas do que se pensa. Assim, o progressivo achatamento salarial da classe média, uma classe de leitores, leva ao afastamento dos livros, produto caro que não se integra às necessidades básicas da alimentação, saúde e moradia. Por sua vez, a leitura não é prestigiada entre a classe operária também por motivos econômicos e sociais. O segundo aspecto é que a Universidade não vem preparando condignamente esses alunos para as novas realidades do ensino, por acreditar que o desenvolvimento de conhecimentos literários e do hábito de leitura NÃO é função do ensino superior. Esses aspectos, decorrentes da situação sócio-econômico-cultural de nosso país apontam para um rebaixamento da qualidade de ensino e para a formação de um professor da área de letras e, em específico, de literatura, que cada vez mais, diploma-se com domínio menor de conhecimento.

Discutindo o assunto, Regina Zilberman¹ diz que o problema do ensino da literatura não se assentaria nesses aspectos somente, mas adviria também da noção de literatura com que os cursos de letras lidam, encarando-a "como mediadora, trampolim para a aprendizagem de um outro, que pode ser a história da literatura, as normas relativas ao bom emprego da língua nacional, a mensagem renovadora ou documental do texto". Salientando ainda a pesquisadora que, ao lado disso, os cursos de letras insistem que "ela (a literatura) é um ente autônomo, com vida própria e que, se se insere à sociedade, é para representar a esta última de modo melhor, mais adequado, sintético e permanente".

Tudo indica, porém, que, no estágio atual do processo de modernização por que passa a sociedade brasileira, esse tipo de ensino em que concebem a literatura de uma maneira e ensinam-na de outra, desprezando-se a interpretação do aluno leitor, já não pode ser realizado. O ensino periférico da literatura (biografias de autores, rol de obras, resumo de textos, etc.) foi sendo substituído pela leitura textual — quantitativa e qualitativa — e, conseqüentemente, pela inserção, no processo de ensino da literatura, da experiência do leitor.

A literatura é, então, considerada como prática social tanto para quem escreve como para quem lê, isto é, a literatura é prática social no sentido de uma atividade humana cujo objetivo é transformar o mundo. Em conseqüência, quando a literatura passa a ser concebida como o elemento que leva o leitor à reflexão e à consciência de seu papel na sociedade, alargando seus horizontes e permitindo que ele defina sua visão de mundo, percebe-se a sua função participativa. A leitura do texto literário deixa, então, de ser compreendida como uma simples forma de lazer ou de fonte de informações que irá suplementar aquelas recebidas na escola, para tornar-se um instrumento que estimula o aluno-leitor a expressar seus pontos de vista e, consciente de sua função na sociedade, participar de todas as transformações sócio-econômico-políticas.

Tal prática de leitura do texto literário transfere o leitor de simples objeto a sujeito. Transforma-o, fazendo-o alcançar, através da leitura crítica, certo grau de conscientização, e insere-o no contexto social. Enfatiza o papel ativo do leitor para quem, junto com o prazer, devido à interação entre ele e o texto, o es-

tar-no-mundo assume um significado maior, pois conhecendo a estrutura dominante poderá procurar outras alternativas de vida, outros caminhos.

Margot Ott (1971) afirma que o homem, para desenvolver-se, necessita avaliar suas experiências, reconhecer suas possibilidades e deficiências. Deve, portanto, buscar o significado para os próprios sentimentos, pensamentos e ações. Assim, ao mesmo tempo em que atua sobre o mundo, dele recebe uma variedade de estímulos; modifica-o, modificando-se. Isso se comprova na leitura literária. Na medida em que o aluno-leitor participa da constituição do texto, ele decifra os dados do real e organiza seu mundo pessoal. Com um sistema de referências próprio, estabelece critérios, procura descobrir lógicas escondidas conforme prismas ideológicos; fazer sátiras, humorismo, crítica.

Essas reflexões sobre leitura e literatura visam revelar como hoje compreendemos de modo diferente o ensino da literatura. Portanto visam mostrar a responsabilidade cultural, ética e política do professor de literatura na dramatização dos destinos da sociedade brasileira, ao levar a cabo os objetivos primeiros do ensino: capacitar o aluno a analisar criticamente, destacar as relações fundamentais dos elementos que constituem o todo textual e buscar compreender os significados dele despreendidos. Decorre daí, por conseguinte, a questão: COMO AVALIAR ESSE ALUNO?

É necessário primeiro que se explicita o que entendemos por avaliar. Avaliação é um mecanismo de "feedback" dos mais importantes no sentido de verificar o quanto dos objetivos foi de fato implementado. É útil para informar ao professor os resultados que alcançou em seu ensino e para verificar se a estratégia de levar o aluno a apropriar-se de instrumentos conceituais para colocá-lo criticamente diante dos processos de reformulação sócio-culturais do país, logrou êxito. A avaliação destaca-se, pois, não só como um recurso de controle das mudanças de comportamento evidenciadas pelo aluno em seu processo de aprendizagem, mas também como um recurso de medida de objetivos de ensino, de métodos, de conteúdos...

Avaliação em literatura implica necessariamente um critério prévio. Maria da Glória Bordini diz que se considerarmos que "a hermenêutica define a leitura como diálogo entre texto e intérpre-

te, em que um e outro propõem perguntas e dão-se respostas mutuamente, na dependência do mundo do texto e do mundo da vida do leitor, toda a sorte de contestações do intérprete tem sentido, mesmo aparentemente desviadas do texto, por que foram suscitadas".³ Desse modo, a avaliação em literatura não pode deixar de prever a compreensão e a interpretação e não pode estar associada a provas, fichas ou questionários objetivos que não permitem que o aluno-leitor realize sua interpretação e participe da construção do significado do texto. Parece fundamental para efetivar-se uma avaliação segundo a perspectiva de que prazer da leitura e conscientização do leitor caminham juntos, definir com clareza os objetivos do ensino sobre a literatura e, ao mesmo tempo, como consequência natural, os métodos e técnicas usados para implementar esses objetivos.

Por outro lado, pensamos que, na formação do profissional de letras, e, em específico do professor de literatura, há necessidade de se fornecer instrumental para que ele, com segurança necessária,

- possa descrever a obra e detectar, através da análise e da utilização do repertório, os procedimentos do texto;
- saiba como se constitui o texto;
- possa trabalhar o texto com teorias estéticas e modelos de interpretação.

Avaliar a aplicação desse instrumental seria controlar, apenas, a manipulação mecanicista de certos instrumentais teóricos. Acreditamos que a avaliação em literatura deve observar o desempenho dessas atividades, mas não pode restringir-se somente a elas. A avaliação deve ser aberta e contínua, permitindo que o aluno não reduplique simplesmente o que lhe foi proposto ou o que decodificou da leitura, mas que ele possa reavaliar o proposto, criando uma nova situação, um novo texto.

LANÇAMENTOS DA EDIPUCRS

EM CO-EDIÇÃO COM LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA LTDA.

- ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o existencialismo**. 1988, 128p. A obra expõe criticamente o pensamento de Gabriel Marcel no contexto das filosofias contemporâneas da existência.
- CLOTET, Joaquim e outros. **A justiça**. 1988, 104p. A obra tem ensaios dos professores U. Zilles, Reinholdo A. Ullmann, Francisco de Araújo Santos, Sfrío Lopes Velasco, Edvino A. Rabuske e Joaquim Clotet.
- BIZ, Osvaldo. **Informática e soberania**. 1988, 172p. O livro historia os caminhos que levaram o Brasil a adotar a reserva de mercado para a informática até 1992.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria**. 1988, 110p. O livro resgata a pessoa de Epicuro e seu pensamento filosófico.
- JOVCHELOVITCH, Marlova. **Encontros dialógicos: uma vivência em serviço social**. 1989, 60p. Constitui um instrumento metodológico valioso para o serviço social fundamentando a relação de ajuda no diálogo e na fenomenologia.
- ZILLES, Urbano. **O problema do conhecimento de Deus**. 1989, 68p. Apresenta a abordagem dos diversos caminhos seguidos na filosofia ocidental para chegar ao conhecimento de Deus.
- GRINGS, Dadeus. **A descoberta científica de Deus**. 1989, 296p. Numa lógica cerrada do pensamento, o autor movimenta-se desimpedidamente na Biologia, Física, Geologia, Filosofia e Teologia indagando pela transcendência.
- BRASIL, Luís Antonio de Assis (organizador). **Contos de oficina 3**. 1989, 136p. É o terceiro volume de contos produzidos pelos alunos da oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.
- CERQUEIRA, Siomara Vilanova. **Administrando a mudança rumo à criatividade**. 1989, 60p. Propõe fornecer alternativas para uma mudança no sentido de ajudar o professor a administrar melhor sua criatividade e a de seus alunos.

Pedidos diretamente à

LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA LTDA.

Av. Ipiranga, 6681 - C.P. 1429

90001 Porto Alegre - RS - Fone (0512) 36-5337

EDIPUCRS

Serviços gráficos executados pela
Escola Profissional Champagnat
Avenida Bento Gonçalves, 4080
Composição e Arte Final:
Supernova Editora Ltda.
Rua Gildo de Freitas, 162 - Fone 34-8129
Porto Alegre - RS

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral